ISSN: 2358-8829

ENTRE SONS E LETRAS: ESTRATÉGICAS MNEMÔNICAS COM ONOMATOPEIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO INICIAL

Mirian Suellen Guilherme Menezes [1]
Janine Oliveira Cardeal Bonfim [2]

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização inicial é um momento importante na trajetória escolar da criança. Nessa etapa ele começa a compreender como a fala se relaciona com a escrita, reconhecendo letras, observando os sons das palavras e construindo conhecimentos sobre o funcionamento do sistema de escrita. Por isso, é importante participar de experiências que auxiliem no processo de aprendizagem desse sistema de escrita.

Nesse processo, a consciência fonológica tem um papel importante, pois permite que a criança preste atenção aos sons das palavras e perceba semelhanças e diferenças entre eles. Morais (2015) explica que a criança precisa compreender que a escrita representa as partes sonoras das palavras, estimulando esse processo de associação e reflexão. Dessa forma, o trabalho com alfabetização precisa ir além da apresentação de letras isoladas, oferecendo situações que permitam que as crianças possam refletir sobre os sons e sua relação com a escrita.

As estratégicas menmônicas podem ser compreendidas como procedimentos que favorecem a memorização por meio de associações entre informações palavras ou outros elementos familiares. Caregnato (2011) aborda essa estratégia a partir da associação de motivos rítmicos a palavras. Pensando nisso, o uso de onomatopeias pode ser um valioso instrumento para trabalhar os sons durante o processo de alfabetização inicial, como “Toc-Toc” (letra T), “Xiiii” (letra X), “Nhac” (dígrafo NH) fazem parte do dia a dia das crianças, podem ser utilizadas para despertar a atenção, bem como a memorização delas. A partir dessas expressões, o professor pode propor atividades lúdicas assemelhando à

[1] Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Professora de Educação Infantil da rede municipal de Matriz de Camaragibe/AL; miriansuellen2001@gmail.com ;
[2] Professora Doutora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas-UFAL; Orientadora do trabalho; janine.cardeal@cedu.ufal.br ;

onomatopeia a alguma situação, permitindo que as crianças possam identificar as letras que representam o som.

Sandra Puliezi (2022) apresenta o uso das onomatopeias como um recurso para desenvolver a consciência fonêmica de forma lúdica, aproximando sons, imagens, gestos e letras. Essa proposta pode tornar a aprendizagem mais significativa, mas precisa estar acompanhada da mediação do professor e ter objetivos bem definidos. Kishimoto (2011) discute a importância dos jogos e brincadeiras na educação, compreendendo a importância da ludicidade como instrumento para a aprendizagem. Vigotsky (2007) contribui para essa discussão ao destacar a importância da mediação da aprendizagem e das interações sociais: "É ao longo da interação entre crianças e adultos que os jovens aprendizes identificam os métodos eficazes para memorizar" (Vigotsky, 2007, pg.156-157). Paulo Freire (1997), por sua vez, ajuda a pensar uma prática pedagógica que valorize o diálogo e o conhecimento das crianças. A partir disso, os recursos ganham sentido, quando as atividades são planejadas e promovem a reflexão.

Desse modo, este artigo parte da seguinte questão: de que maneira as estratégicas mnemônicas com onomatopeias podem contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica e para a compreensão inicial das relações entre sons e letras? O objetivo deste trabalho é discutir as possibilidades pedagógicas do uso de onomatopeias como estratégia mnemônica na alfabetização inicial.

O interesse pela temática surgiu durante o percurso formativo da autora, especialmente a partir da experiência como bolsista de extensão em um Colégio de Aplicação, tendo contato com essa estratégia por intermédio da orientadora deste trabalho. Nesse espaço, foi possível conhecer práticas pedagógicas que valorizavam a participação das crianças de buscavam considerar suas diferentes necessidades e formas de aprender. É importante ressaltar que este trabalho não constitui um relato de experiência do uso das onomatopeias no Colégio de Aplicação, mas foi a partir dessa vivência que surgiu a escolha do tema deste trabalho.

Para desenvolver a discussão desta temática, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, com base em obras e estudos sobre aprendizagem mediada, consciência fonológica, sistema de escrita alfabética e uso de onomatopeias.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

ISSN: 2358-8829

O artigo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter analítico-reflexivo. De acordo com Gil (2002)

> A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (Gil, 2002, pg. 44)

Essa escolha é adequada ao objetivo deste estudo que busca compreender o uso de estratégias mnemônicas com onomatopeias no processo de alfabetização inicial a partir de conhecimentos já publicados.

A abordagem qualitativa é pertinente porque a discussão se volta aos significados, às relações e às possibilidades pedagógicas envolvidas na aprendizagem da leitura e da escrita. Minayo (2014) destaca a importância de compreender os sentidos e os processos presentes nos fenômenos sociais. Neste artigo, essa perspectiva orienta a interpretação das contribuições teóricas sobre mediação, consciência fonológica, sistema de escrita alfabética e ludicidade.

A seleção dos textos ocorreu por pertinência temática, priorizando obras e artigos diretamente relacionados ao tema. A leitura foi organizada em três momentos: leitura exploratória, para identificar os conceitos centrais; leitura analítica, para localizar argumentos sobre mediação, consciência fonológica, sistema alfabético e recursos mnemônicos; e síntese interpretativa, organizada em categorias temáticas. Esse percurso foi orientado pela proposta de Gil (2002) de planejar a pesquisa bibliográfica e relacionar as fontes ao problema investigado. Os resultados e a discussão decorrem da interpretação da literatura consultada e das implicações pedagógicas construídas a partir desse diálogo.

.

REFERENCIAL TEÓRICO

Mediação e aprendizagem na perspectiva de Vigotsky

A perspectiva histórico cultural de Vigostky contribui para compreender que o desenvolvimento das funções psicológivas superiores se constitui nas relações sociais e no uso de instrumentos e signos culturalmente elaborados. A aprendizagem não pode ser explicada apenas como resultado de capacidades individuais que amadurecem

ISSN: 2358-8829

espontaneamente; ela ocorre em situaçõe de interação nas quais outras pessoas, a linguagem e os recursos culturais participam da construção de significados (Vigotsky, 2007). Vigotsky aponta que "O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.(Vigotsky, 2007, pg. 103)".

É no contexto escolar que a criança vai obtendo experiências de origem sociocultural a partir das experiências organizadas pelo/a docente, desafiando e propiciando a evolução da criança. A linguagem ocupa posição central nesse processo porque é, ao mesmo tempo, meio de interação e objeto que pode ser analisado. Ao ouvir, produzir, comparar e discutir sons, a criança participa de uma atividade social que pode ajudá-la a dirigir conscientemente a atenção para aspectos da fala. Imagens, gestos, objetos, cartões, jogos sonoros e letras podem funcionar como mediadores, desde que possuam intencionalidade pedagógica clara.

Essa perspectiva também permite permite relativizar a ideia de que uma atividade é inclusiva apenas por ser atrativa e divertida. A participação é ampliada quando as propostas contemplam diferentes formas de perceber, comunicar e responder, enquanto o professor acompanha o que cada criança compreende e oferece apoios compatíveis com suas necessidades. Na alfabetização, portanto o recurso lúdico precisa integrar uma relação pedagógica em que a criança tenha oportunidades de agir, ouvir explicações, experimentar possibilidades e receber intervenções, pois, assim como propôs Vigotsky (2007) "Aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã" (Vigotsky, 2007, pg.98).

Consciência fonológica e sistema de escrita alfabética em Arthur Gomes de Morais

Morais (2012) compreende a escrita alfabética como um sistema notacional, e não como um simples código em que basta trocar sinais por sons. Apropriar-se desse sistema demanda entender que as letras representam segmentos da pauta sonora da língua e aprender como essas representações são convencionalmente organizadas. A criança constrói hipóteses sobre o funcionamento da escrita, mas precisa de oportunidades sistemáticas para avançar na compreensão das propriedades do sistema e das convenções que os regulam.

ISSN: 2358-8829

Nesse percurso, a consciência fonológica designa a possibilidade de refletir sobre segmentos sonoros da fala (Morais, 2012, pg.84). Essa reflexão abrange unidades de diferentes dimensões: palavras, silábas, rimas, aliterações e fonemas. Morais (2015) mostra que diferentes habilidades fonológicas aparecem associadas a momentos distintos da apropriação da escrita alfabética. Por este motivo, o planejamento pedagógico precisa considerar a progressão das aprendizagens e o que as crianças já conseguem analisar.

A relação entre consciência fonológica e alfabetização não deve ser interpretada de forma simplista. Desenvolver a habilidade de perceber sons não garante, isoladamnete, a apropriação do sistema de escrita; de modo semelhante, conhecer os nomes das letras não assegura que a criança compreende suas relações com os sons. O ensino precisa articular reflexão fonológica, conhecimento das letras, correspondências grafofonêmicas, leitura e escrita de palavras e participação em práticas reais de linguagem. Essa articulação impede que as atividades sonoras se convertam em exercícios descontextualizados ou em uma sequência mecânica de associações.

A contribuição de Morais é decisiva para delimitar o papel das onomatopeias: elas podem favorecer a atenção a um som ou servir como pista de recuperação, mas não substituem a compreensão do princípio alfabético, a aprendizagem das convenções ortográficas ou o contato com textos. O professor precisa tornar explícito o que está sendo observado: o som inicial de uma palavra, a diferença entre duas unidades sonoras ou a letra que, naquele contexto, apresenta determinado som.

O Método das Onomatopeias em Sandra Puliezi

Puliezi (2022) apresenta o uso de onomatopeias para apoiar a consciência fonêmica, estabelecendo associações entre sons, letras e representações visuais ou corporais. A proposta parte do potencial que expressões sonoras familiares podem ter para tornar mais perceptível a unidade que se pretende ensinar. A aproximação entre som e experiência concreta pode funcionar como pista mnemônica: quando a criança pensa na imagem, no gesto ou na onomatopeia, tem um apoio para lembrar e identificar o fonema-alvo.

A mnemônica, nessa perspectiva, não deve ser entendida como simples repetição ou memorização sem compreensão. Uma pista é pedagogicamente produtiva quando permite recuperar uma informação e utilizá-la em novas situações. Assim, após explorar

uma onomatopeia, é importante convidar a criança a localizar o som em outras palavras, comparar palavras que começam de maneira diferente, observar a letra qeu registra determinado som e experimentar a leitura ou a escrita de exemplos. A proposta deve favorecer uma passagem gradual da experiência sonora à reflexão sobre a língua escrita.

O próprio uso de onomatopeias exige cuidado linguístico. As expressões que representam sons variam entre as pessoas e os contextos culturais em que estão inseridas, e o som produzido por uma palavra onomatopaica não equivale automaticamente ao fonema que deseja ensinar. Além disso, uma mesma letra pode representar sons diferentes, e um mesmo som pode ser registrado por diferentes grafias em contextos distintos. Por essa razão, é necessário selecionar exemplos adequados ao objetivo, explicitar o foco da atividade e retomar as relações em palavras variadas, evitando que a pista mnemônica seja compreendida como regra universal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura foi organizada em três eixos: a relação entre consciência fonológica e sistema de escrita alfabética; o potencial das onomatopeias como apoio mnemônico; e a importância da mediação docente para uma prática intencional e reflexiva.

No primeiro eixo, Morais (2015) permite compreender que a criança precisa aprender a analisar a fala em unidades sonoras e a relacionar

No segundo eixo, as onomatopeias oferecem uma forma de conetar linguagem oral, imagem e escrita. Quando a criança imita um som, escuta o colega, observa uma imagem, nomeia o que represnetando e compara o som inicial da palavra com outro exeplo, a atividade mobiliza diferentes formas de participação. Kishimoto (2011) ajuda a compreender o valor educativo do brincar, entendendo sua importância para desenvolver experiências educativas. Quando há uma proposta pedagógica com objetivos claros e mediada pelo/a professor/a , isto permite o desenvolvimento da criança pois estimula sua participação e exploração dos sons, auxiliando seu processo de aprendizagem.

O terceiro eixo diz respeito à mediação e à inclusão. Vigotsky (2007) orienta a interpretar os materiais como instrumentos culturais integrados às relações entre crianças e professor/a. A pergunta docente, a reprodução do som, a comparação entre palavras e letras, ajudam a transformar uma experiência auditiva em um momento reflexivo. A

ISSN: 2358-8829

valorização do diálogo, discutida por Freire (1996), também se faz presente quando o professor escuta as respostas das crianças e considera seus conhecimentos como parte do percurso da aprendizagem. Esse acompanhamento permite observar se acriança identificou o som-alvo, se está apoiando a resposta apenas na imagem ou se já consegue utilizar a associação em palavras diferentes.

É nesse ponto que a experiência formativa da autora em um Colégio de Aplicação ganha sentido para justificativa do tema. O contato com a prática pedagógica vivenciada como fortemmete inclusiva reforçou a importância de organizar o ensino a partir da participação das crianças, da mediação intencional e do uso de diferentes recursos. Essa lembrança profissional provocou a pergunta como tornar a aprendizagem da língua escrita mais acessível sem reduzir a complexidade do objeto de conhecimento.

A aproximação entre essa experiência e o referencial teórico não significa que essa prática é exclusiva para realização de um Colégio de Aplicação. Cada instituição possui um contexto, composição de turma, oportunidades de formação, contudo, visto que um Colégio de Aplicação é referência para outras instituições, as onomatopeias constituem uma possibilidade de recurso extremamente válida e aplicável.

A dimensão inclusiva da proposta também deve ser compreendida à luz dos marcos legais. A Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n° 8.069/1990) asseguram o direito à educação; a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, promulgada pelo Decreto n° 6.949/2009, e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei n° 13.146/2015) reforçam o direito a um sistema educacional inclusivo. Assim, o uso de pistas sonoras, imagens, gestos e outras formas de representaçãi deve seer flexível e acessível , sem pressupor que todas as crianças respondam da mesma maneira a estímulos auditivos ou que a fala oram seja a única forma válida de participação.

A mediação histórico-cultural de Vigotsky (2007) dialoga com o uso de recursos mnemônicos: os signos e materiais ganham função quando são incorporados à atividade compartilhada e utilizados para construir significados. Uma imagem acompanhada de som pode apoiar uma criança; para outra, talvez a letra destacada, o gesto articulatório ou a comparação de palavras seja mais produtivo. A flexibilidade não significa abandonar o conteúdo, mas diversificar os apoios e observar quais favorecem a participação e a compreensão.

Os estudos de Puliezi (2022) e de Puliezi, Di Agustini e Moreira (2025) confere, a relevância à investigação de propostas com onomatopeias, sobretudo pela possibilidade de articular pistas mnemônicas a um ensino explícito das correspondências entre sons e letras. Entretando, o manual didático apresenta uma proposta de trabalho que ainda carece de mais pesquisas, pois ainda há poucas publicações sobre os resultados da aplicação do método.

A leitura de Morais (2012;2015) também impede reduzir a alfabetização a um repertório de associações. O ensino precisa ajudar a criança a compreender o sistema de escrita alfabética e a avançar para além da pista inicial, mobilizando conhecimentos em palavras desconhecidas e em tarefas de leitura e escrita. Soares (2016;2020) reforça a importância de organizar o ensino de modo sistemático e articulá-lo às práticas de linguagem. Isso demanda planejamento de sequeências que incluem revisão, comparação, generalização, contato com textos e avaliação formativa. As onomatopeias podem ser um dos recursos dessa sequência, integradas a outras práticas, nunca como método exclusivo para todos os objetivos da alfabetização.

Em síntese, a leitura consultada indica que as onomatopeias devem ser avaliadas pelo apoio que oferecem à análise sonora e à trasferência para a escrita, e não apenas pelo envolvimento que despertam na atividade. Seu uso pedagógico requer objetivo fonológico definido, mediação explícita, retomada em novos exeplos e adaptação a diferentes formas de participação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo discutiu as potencialidades e os limites das estratégias mnemômicas com onomatopeias no processo de alfabetização inicial, tomando como fundamentação principal as contribuições de Vigotsky, Sandra Puliezi e Arthur Gomes de Morais. A análise indica que as onomatopeias podem funcionar como instrumento para apoiar a atenção aos sons da falae favorecer a construção de relações entre experiências orais, imagens e letras. Seu potencial, contudo, depende de uma mediação planejada e da articulação com o ensino do sistema de escrita alfabetica.

Vigotsky (2007) contribui para compreender os recursos pedagógicos como instrumentos e signos que assumem função no interior das interações. Morais (2012;2015) ressalta que alfabetizar exige que a criança compreenda as propriedades do

sistema alfabético e desenvolva, progressivamente, habilidades de reflexão fonológica. Puliezi (2022), por sua vez, sistematiza possibilidades do uso das onomatopeias para tornar a reflexão fonêmica mais acessível e lúdica.

Conclui-se que o uso das onomatopeias pode constituir um recurso complementar, especialmente quando oferece uma pista de memória para identificar e analisar sons, mas não deve ser tratado como solução automática ou método único de alfabetização. É necessário considerar as diferenças entre fonemas, nomes e letras e representações gráficas; reconhecer a diversidade dos repertórios linguísticos; garantir diferentes modos de participação; e avaliar continuamente se a criança consegue transferir o conhecimento para novas palavras e situações de leitura e escrita.

Palavras-chave: Alfabetização inicial. Consciência fonológica. Onomatopeias. Estratégias mnemônicas. Mediação pedagógica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre comigo.
À minha família, por me apoiar e acreditar no meu potencial.
Ao meu marido, pelo amor e paciência.
Ao Colégio de Aplicação, pela oportunidade de vivenciar esse espaço.
À minha orientadora, pela orientação, incentivo e paciência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto n° 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Brasília, DF: Presidência da República, 2009.

BRASIL. **Decreto n° 11.556, de 12 de junho de 2023**. Institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Brasília, DF: Presidência da República, 2023.

BRASIL. **Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República,1996.

BRASIL. **Lei n° 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

CAREGNATO, Caroline. **Estratégia métrica versus estratégia mnemônica: posições contrastantes ou complementares no ensino de ritmo?** Revista da ABEM, v. 19, n. 25, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 14.ed. São Paulo: Cortez,2011.

MORAIS, Arthur Gomes de. **O desenvolvimento da consciência fonológica e a apropriação da escrita alfabética entre crianças brasileiras**. Revista Brasileira de Alfabetização *[S. l.]*, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/31. Acesso em: 23 out. 2026.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PULIEZI, Sandra. **Método das onomatopeias: desenvolvendo a consciência a consciência fonêmica de forma lúdica**. [S. l.: s. n.], manual, 2022.

PULIEZI, Sandra; DI AGUSTINI, Solange de Fátima Andressa; MOREIRA, Giovanna Megiato. **Efeitos do Método das Onomatopeias no Desenvolvimento da Leitura e da Escrita em Crianças do 2° ano do Ensino Fundamental**. Revista Educação, Psicologia e Interfaces, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 1-17, 2025.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. L. S. Vigotski; organizadores Michael Cole... [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. - 7.a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.